

Livros que seu aluno pode ler: Língua Estrangeira

Propostas para ler em alemão na escola

KAREN PUPP SPINASSÉ¹

Eu sou a Professora Karen e desde 2006 sou professora do Setor de Alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além de ministrar disciplinas de Língua Alemã, sou responsável, desde 2006, pela área da prática de ensino, ministrando as cadeiras de Didática e Estágio. Em 2005, a professora que trabalhava diretamente com essa área aposentou-se, e meu concurso já foi específico para essa ênfase, pois os outros colegas do Setor possuíam, a princípio, outras áreas de atuação. Meu doutorado foi específico na área de Ensino de Alemão como Língua Estrangeira (em alemão, *Deutsch als Fremdsprache* – DaF), uma área que não é muito representada no Brasil. Na Alemanha, o DaF é uma área

¹ Karen Pupp Spinassé é Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Técnica de Berlin, Berlin, Alemanha. Atualmente, é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. Atua principalmente nas áreas de Aprendizagem de Língua Adicional e Bilinguismo.

em si, não subjugada a outras, como a Linguística Aplicada ou a Educação. Aqui no Brasil, porém, há apenas uma instituição que oferece curso de doutorado específico em Alemão. Assim, fiz meu doutorado na Alemanha e, quando voltei, logo comecei a trabalhar na UFRGS como a representante da área de Ensino de Língua Estrangeira no nosso setor.

Falarei, bem concisamente, sobre alguns textos literários que podem ser trabalhados em sala de aula. Trarei alguns exemplos de textos e livros com os quais já tive experiências bem-sucedidas em sala de aula e descreverei o trabalho.

Na teoria, quando se fala em ensino de Língua Alemã, de forma geral, se prega a aplicação de textos literários nas aulas, pelos seguintes motivos (KAST, 1994): a aula pode ser mais motivadora – é possível fazer um trabalho diferenciado com base em textos ficcionais, e os alunos conseguem ter outras perspectivas além daquela construída a partir do monólogo interpretativo do professor; o texto literário aguça questionamentos e deixa o aluno curioso; através da leitura constroem-se diálogos entre o leitor e o texto, e desses diálogos surgirá o sentido, já que o leitor é considerado um “coautor” do texto; o texto literário, além de estimular o lado cognitivo, mexe também com o emocional, pois pode remeter a experiências pessoais, proporcionando, assim, uma interpretação diferente para cada pessoa; além disso, os textos literários são expressões culturais e podem ser trabalhados em sala de aula também sob essa perspectiva. É importante ressaltar, também, que os textos literários não devem ser tratados como textos informativos; sua estética pode e deve ser levada em consideração.

De forma geral, a ideia é que, com a leitura, com o acesso a textos literários, possamos ampliar os horizontes dos nossos alunos, abrir mais janelas em sua experiência de vida.

Passando agora para os exemplos práticos, um elemento muito recorrente são as poesias concretas e os pequenos versinhos, pois, mesmo sendo autênticos, são mais simples. Esses versinhos são utilizados geralmente em turmas iniciais, com as quais é mais difícil trabalhar com textos literários autênticos se pensarmos apenas em prosa. O primeiro exemplo que quero apresentar é intitulado “Konjugation” (“Conjugação”), do autor Rudolf Steinmetz (apud WIEMER, 1974, p.72). O poema é, como diz o título,

o início da conjugação do verbo “ir” em alemão (*gehen*), com um desfecho, no entanto, diferente:

Ich gehe

du gehst

er geht

sie geht

es geht

Geht es?

Danke – es geht

O verbo *gehen*, além de ser traduzido em português como “ir”, também pode ter outros significados. Bons exemplos em português são as expressões que construímos com o verbo “dar” ou com o verbo “conseguir”, como em “Dá para ser?”, “E aí, vai conseguir?”, “Vai dar?” (no sentido de “Vai dar certo?”), ou ainda “Tudo certo?”, “Tudo indo?”, bem como suas respectivas respostas (“Tudo ok.,” “Tudo certo.,” “Vai dar.,” “Dá.,” “Vai ser possível.,” “Tudo indo.,” etc.). Para o questionamento com esse significado usa-se, em alemão, a forma “*Geht es?*” e a resposta é “*Es geht.*”, ambos com o verbo *gehen*.

Dependendo da expressão em que é usado ou com que elementos é combinado, o verbo *gehen* ganha ainda outros significados. Por exemplo, para perguntar “Tudo bem?” ao cumprimentar alguém, usa-se uma expressão com o verbo *gehen* (*Wie geht’s?* – que poderíamos comparar linguisticamente a “Como vai você?”). Para responder a essa pergunta, usa-se o próprio verbo *gehen* acompanhado do advérbio que irá denotar o sentimento/humor da pessoa: “Tudo bem”, “Eu estou bem” ou “Eu vou indo bem” seriam “*Mir geht es gut*”; “Não estou bem” ou “Estou meio mal” seriam “*Mir geht es nicht gut*” ou “*Mir geht es schlecht*”. Agora, se a pessoa quer dizer algo como “Tudo indo”, “Tudo mais ou menos” ou “Vai-se indo”, a resposta em alemão é construída pura e simplesmente com o verbo *gehen*, sem nenhum advérbio: “*Es geht*”.

No poema acima, o autor brinca com a polissemia do verbo *gehen*. Ele começa, de acordo com o título, com a simples conjugação do verbo. Quando chega à terceira pessoa do singular do gênero neutro, que tem a mesma forma da expressão "*Es geht*" ("Tudo certo!"), o autor "muda de assunto", "distrain-se" com essa forma que tanto pode ser uma coisa quanto outra e passa a usar a expressão, saindo da conjugação verbal. Tanto que retruca, na linha seguinte, com a forma interrogativa da expressão (*Geht es?* – "Tudo indo?"), ao que responde já com um terceiro significado para o verbo, o da resposta ao cumprimento (*Danke – Es geht* – "Obrigado, as coisas vão mais ou menos."). O autor consegue combinar, na mesma poesia, três significados diferentes da mesma forma. Pode parecer complicado para quem não entende a língua, mas em alemão o verso é bem harmônico, mesmo com essa mistura de sentidos.

Esse é só um exemplo, mas existem vários textos desse tipo (curtinhos, engraçadinhos, bonitinhos) que podem ser usados em sala de aula. Agora trarei, porém, um exemplo mais clássico. É um trabalho que uma aluna do estágio elaborou e aplicou na escola, e que eu mesma também utilizei. Trata-se de trabalhar com os alunos o poema "*Das Loreleylied*" ("Canto à Loreley"), escrito por Heinrich Heine, conhecido autor alemão, em 1823. Loreley é uma importante figura mítica alemã. É uma espécie de sereia que, apesar de em suas representações visuais nunca ter uma cauda de peixe, apresenta outras características atribuídas às sereias: é extremamente bela e possui cabelos longos e uma voz envolvente que encanta os navegadores, distraindo-os e levando-os a acidentes.

Na verdade, começa-se a aula sem dizer isso aos alunos. Começa-se apenas mostrando uma imagem da Loreley, sem apresentá-la. O professor tem a tarefa de conduzir o aluno e a discussão para o lado do poema, que é uma canção de amor, mas o objetivo é deixar a discussão livre. O professor apresenta a figura e pergunta aos alunos que sentimentos essa mulher pode despertar. No poema é presente a sedução, o encantamento: os homens encantam-se por essa mulher. Sempre há algum momento em que essa opção aparece. O professor, aproveitando o ensejo, pede, então, que os alunos coloquem-se no lugar de um homem encantado/apaixonado por essa mulher e segue a discussão. Quem é ela? Parece uma divindade, uma figura mítica, mística, e isso pode ser percebido pela forma como ela está desenhada. Se considerarmos um homem apaixonado, devemos per-

guntar-nos: como ele irá declarar-se para ela? Quais são as palavras que ele poderia usar se quisesse fazer uma declaração de amor para ela?

Com tudo o que for dito, o professor vai fazendo uma espécie de associograma, ao estilo de um *cluster*, partindo de um tema central – declaração de amor – e interligando as palavras, os conceitos e as ideias dos alunos; uma ideia pode levar a outra, que leva a outra, e assim por diante; não está tudo associado diretamente à palavra central. Em uma declaração de amor pode-se elogiar características da pessoa amada, descrever os sentimentos e falar de ações possíveis. Cada um desses grupos seria um campo semântico diferente, com uma família de palavras específica, dentro do tema “declaração de amor”.

O professor conduz o preenchimento do associograma conforme as palavras aparecem. Por exemplo, um aluno diz que um homem apaixonado diria à amada: “Você é maravilhosa”. Aí, pode-se colocar o adjetivo “maravilhosa” (*wunderbar*) ligado ao campo no qual se descreve a beleza. O professor, então, pode direcionar: “O que pode ser elogiado na beleza da mulher? Por exemplo, o cabelo é uma coisa que pode ser elogiada. Como é esse cabelo? Um cabelo brilhante, dourado...” (*goldenes Haar*). Assim, vão-se colocando no associograma as palavras-chave mais pertinentes, atendendo, especialmente, para aquelas que aparecerão no poema, pois essa tarefa já funciona como uma preparação para a leitura: está-se trabalhando, implicitamente, o vocabulário desconhecido que irá aparecer e que poderia vir a trazer dificuldades de compreensão para os alunos.

O professor continua: “E se esse homem quisesse descrever seus sentimentos, o que ele poderia dizer? O romântico é muito melancólico, triste, exagerado, e fala das coisas como se fosse o fim do mundo. Quais os adjetivos que poderíamos usar, já que é tudo muito grande e exagerado?” Surgem palavras como “violentamente” (“eu te amo violentamente”).

Partindo para a descrição das ações, lembrando que a figura está o tempo todo visível, os alunos dizem coisas que ela pode estar fazendo. Pode ser que ela esteja penteando o cabelo, aquele cabelo dourado de que já falamos. Pode estar cantando uma música, cantarolando. Há o aspecto do encantamento, de como encantar, enfeitiçar alguém, continuando com a questão do exagero. Tudo isso é trabalhado como preparo para o texto que virá a seguir.

Há a possibilidade de mostrar mais uma imagem, dependendo do nível e do conhecimento de língua dos alunos e do que eles já conhecem de cultura alemã, para contextualizar a questão do rio Reno. A personagem Loreley “vive” às margens do rio Reno. Nesse sentido, é interessante que os alunos saibam as palavras que têm a ver com esse contexto, como “*Fluss*”, que significa “rio”, e “*Felsen*”, que é “rochedo”, em alemão. Isso dependerá do nível da turma, porque pode ser que eles já conheçam o vocabulário. Essas palavras podem aparecer também, por exemplo, no momento de descrever a figura: o navio (*das Schiff*), as ondas (*die Wellen*), a escuridão, o anoitecer (*die Dunkelheit, die Dämmerung*), o rio (*der Fluss*), o próprio Reno (*der Rhein*), a sereia (*die Jungfrau*), etc. Nesse momento revela-se que, na verdade, essa mulher é Loreley, personagem de uma lenda bastante conhecida na Alemanha: trata-se de uma espécie de sereia, que fica cantando e penteando os cabelos à beira do rio Reno, para enfeitiçar os navegantes.

A título de informação: o rio Reno é navegável, é bem grande, comprido e largo. Há um lugar específico em que ele faz uma curva muito fechada, e muitos navios batiam no rochedo que fica bem nessa curva. Disso surgiu a história de que ali, naquele ponto, havia uma sereia que encantava os navegantes, os quais, por isso, acabavam batendo, pois não estavam prestando atenção no caminho; eles distraíam-se por causa de Loreley, ficavam mirando-a encantados e o navio batia.

Ao terminar a tarefa de descrição da figura, ao invés de deixá-los ler o texto ou de ler para eles, gosto de usar a música “*Ich weiß nicht, was soll es bedeuten*”, do grupo folclórico alemão *Die Flippers*, ou um vídeo do YouTube² no qual uma pessoa lê esse poema em alemão de forma bem nítida e pausada. Trata-se de um vídeo que mostra imagens que, indiretamente, têm a ver com o tema, enquanto o texto é interpretado – o interesse é, porém, o texto lido, e não as figuras, as quais podem não ser mostradas, aproveitando-se só o áudio. Prefiro o texto lido à música, devido à maior nitidez e clareza daquele. Ou seja, trabalha-se o poema com foco na compreensão auditiva, visando que os alunos entendam o contexto e que tenham uma compreensão global do que foi passado e de que se trata do contexto do

² <http://www.youtube.com/watch?v=HyuzZaUln04>, 04/07/2012.

rio Reno. Dependendo do nível, pode-se realizar um trabalho de lacunas, para que eles treinem mais as palavras que já foram vistas.

No passo seguinte, entrega-se o texto para leitura. Como tarefas complementares, ainda pode-se trabalhar algum outro aspecto que seja necessário, como deixá-los procurar o significado de palavras ainda desconhecidas. Peço-lhes também que pesquisem sobre a personagem Loreley, para que eles conheçam a origem dessa lenda alemã que rapidamente relatei para vocês há pouco. A partir do texto, é possível discutir também a questão do encanto, da paixão arrebatadora, que sempre é muito polêmica, principalmente entre adolescentes. A tarefa final consiste em que eles escrevam um versinho, uma canção de amor ou algo parecido para a amada. É muito interessante, porque eles incorporam a personagem e exageram mais do que o próprio autor romântico.

Há uns dias atrás estávamos discutindo, a Professora Daniela do italiano e eu, sobre os livros que nossos alunos podem ler. Ela disse que não seria possível oferecer aos alunos um texto de Dante, ao que eu respondi que de Goethe tampouco. No fim das contas, porém, acabei trazendo para esta apresentação um texto de Goethe como um exemplo de obra que meu aluno pode ler. Os romances de Goethe eu realmente não recomendaria para um aluno de escola; se eu perco a paciência com Goethe, imaginem eles! Existe, contudo, um poema dele que eu acho muito interessante, principalmente se levarmos em consideração o contexto específico aqui do Rio Grande do Sul. Trata-se de um poema, o qual denominamos "Lied der Auswanderer" ("Canção dos Emigrantes") (GOETHE, 1998, p.413).

Johann Wolfgang von Goethe morreu em 1832 e publicou esse poema dentro do segundo livro de sua obra em prosa *Wilhelm Meisters Wanderjahre* em 1829. Ele versa sobre a migração, tendo sido escrito à época em que muitos alemães estavam saindo da Alemanha, em busca de uma vida melhor em outras terras, como os EUA, o Canadá e o Brasil. Muitos, cerca de seis milhões de pessoas, saíram da Alemanha nos anos mais marcantes da emigração: a maioria para os EUA e para o Canadá, e cerca de 250 mil pessoas para o Brasil. É um poema contemporâneo a esse movimento migratório, a respeito do qual o autor, indiretamente, através das personagens em questão, toma partido. Além disso, Goethe é um dos poucos autores

canônicos que trata da emigração na época, o que não podemos deixar passar despercebido.³

A ideia com essa obra é contextualizar e trabalhar a história local, o que se torna ainda mais pertinente em escolas de cidades que estão diretamente ligadas à imigração alemã no Brasil, ou seja, cidades que foram colonizadas por alemães. É interessante trabalhar aqui, por exemplo, a importância da língua alemã e dos descendentes de alemães, tanto para a região, quanto para o estado e para o Brasil, como um dos povos que muito contribuiu para a constituição do povo brasileiro.

Geralmente não faço lacunas nessa tarefa, apenas introduzo o assunto da imigração no Brasil e apresento o texto, que fala sobre o ir e o ficar e sobre as pessoas corajosas que decidem deixar sua terra natal, buscando conseguir uma vida melhor em um lugar desconhecido. A emigração é apresentada no poema de uma forma positiva: ele fala de um lugar onde tudo é bom, tudo é positivo, onde se pode confiar no vizinho e há o que comer e terra para plantar. Mesmo sem, em nenhum momento, ser mencionado o Brasil nesse contexto de migração, acho pertinente fazer o link com a realidade local, aproveitando-se da temática proposta por Goethe - e fazendo com que alunos leiam Goethe.

O objetivo aqui é trabalhar a interpretação de texto. Pelo que se depreende do poema, o eu-lírico considera emigrar uma boa decisão? Como percebemos isso? Em que parte do texto pode-se ver sua posição? Como ele imagina a vida daqueles que emigram? Que termo(s) ele usa para definir sua posição? A partir daí, pode-se trabalhar também o vocabulário, mas a ideia é propor debates para descobrir o que estava acontecendo na Alemanha na época da emigração e, principalmente, fazer uma relação com o nosso contexto, pois a questão da imigração alemã é um assunto que nos diz respeito. O objetivo não é trabalhar a língua, mas sim usá-la como meio para tratar de questões históricas e sociais da nossa realidade.

Saindo do campo das poesias e entrando no rol dos contos curtos, fábulas e contos de fadas, trouxe como exemplo o conto "Der Mann, der nie zu spät kam", de Paulo Maar, que é um autor contemporâneo – nasceu em 1937 e ainda produz. Esse texto é usado como exemplo também na

³ Uma maior análise do poema e de seu contexto está em Neumann (2005, p.169-175).

disciplina A Literatura Alemã em Sala de Aula, a partir do trabalho desenvolvido por Hermes (1994, p.34-9). O texto trata de um homem que nunca chegava atrasado – ele “tinha um TOC” por pontualidade, nunca se atrasava para nada. Um dia houve uma festa em sua homenagem, justamente porque ele nunca se atrasava. Como a festa era sua, o homem permitiu-se “tomar uns goles a mais”. No dia seguinte, no entanto, por causa da ressaca, ele acordou atrasado. Saiu correndo para pegar o trem e, já na estação, tropeçou e caiu nos trilhos. Aí pensou: “Pronto, o trem das 11h07 está vindo e vai me pegar”. Passado um instante, ele viu que o trem não viera e foi ver o que havia acontecido. Os funcionários da estação lhe informaram que o trem das 11h07 estava atrasado em 15 minutos. Depois desse dia, ele nunca mais foi tão pontual, porque percebeu que, às vezes, estar atrasado tem vantagens.

Fiz um resumo para esta apresentação, o conto original é um pouco mais longo. A ideia de tarefa é, antes de apresentar a história para os alunos, trazer uma primeira página de jornal com manchetes fictícias da situação, mas que não digam exatamente o que aconteceu. Algumas manchetes possíveis seriam: “Tragédia na plataforma 4”, “As consequências da bebida”, “Será a pontualidade realmente uma característica alemã?”, “Deus ajuda... quem tarde madruga?”. O objetivo é que, a partir dessas manchetes, o aluno possa imaginar o que aconteceu e escrever uma notícia, uma reportagem condizente com a manchete selecionada. Essa atividade abre várias possibilidades narrativas, como, por exemplo, que os alunos achem que o sujeito tem problemas com bebida alcoólica e que caiu nos trilhos e morreu.

Somente depois de escreverem seus textos, os alunos ganham o conto completo para comparar. A partir daí, discute-se, por exemplo, a questão dos “TOCs” ou manias: quais são, quem tem, como essas pessoas se comportam... No fim, os alunos são convidados a escrever um horóscopo daquele dia: o que o homem pode ter lido antes de sair de casa?

Outra atividade que também já realizei a partir desse conto foi simular uma entrevista com o sujeito. O homem foi notícia de jornal, ficou conhecido e vai ao programa do Jô para ser entrevistado. Como se dá a entrevista? Quem vai com ele? O chefe, a mãe, a esposa... Os alunos pensam em

quais perguntas poderiam ser colocadas e as possíveis respostas, e podem encenar isso para o grande grupo, dependendo da animação da turma.

No viés, agora, dos contos de fadas, as obras dos irmãos Grimm, que, na verdade, não são obras deles, mas obras de domínio público que eles coletaram através da sabedoria popular, são sempre uma opção. Um conto não muito conhecido é “Die Sterntaler”⁴ (em português, “As Moedas-Estrelas”), que conta sobre uma menina muito pobre que possui poucas coisas, mas que, conforme outras pessoas também necessitadas lhe pedem, vai dando tudo o que tem. No fim, ela não tem mais nada, nem roupas, nem comida, e... acaba a história. Na verdade a história não termina aí, mas na aula nós só damos a história até aí, pois os alunos devem imaginar e escrever o fim da história.

Na maioria das vezes, os alunos, que tanto criticam e fazem piada do romantismo exacerbado (como no poema “Das Loreleylied”, do Heinrich Heine), inventam finais bem românticos para o conto. Geralmente, a solução é um príncipe encantado, que a leva para um castelo e a faz feliz para sempre.

O interessante é que o título já conta o fim da história, mas as crianças não se dão conta disso. O fim original da história é que, quando ela fica sem nada, devido ao seu desprendimento e sua generosidade para com os outros, começa a chover dinheiro do céu, e ela fica rica. Por isso o título “Sterntaler” – ou seja, nada romântico.

Como a história é uma narrativa, outra atividade possível é propor que eles formem diálogos para os momentos de interação da menina com os pedintes. Por exemplo, o que disse a mulher que lhe pediu pão e como a menina respondeu? Como foi a conversa entre ela e o outro que lhe pediu a camisa?

Para terminar, gostaria ainda de falar rapidamente de dois livros maiores, que meus alunos também podem ler. O primeiro, *Die Verwandlung* (*A metamorfose*), escrito em 1915 por Franz Kafka, é um conto indicado para o trabalho com os alunos não só pela linguagem mais simples, mas também por abordar a família como tema, bem como seus conflitos internos, entre

⁴ Texto e proposta a partir do artigo de Umbreit (1994, p.52-6).

pai, mãe, irmã e irmão. Geralmente, todos entendem esses conflitos, devido a vivências próprias; o conto não requer conhecimento de assuntos específicos. O outro livro que gostaria de citar é *Reisende auf einem Bein*, de Hertha Müller, autora que ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 2009. Trata-se de um livro mais atual, que ainda não tem tradução para o português, e aborda a Alemanha pós-guerra.

Tanto em uma quanto em outra obra é possível trabalhar, primeiramente, aspectos mais amplos, como estratégias de leitura na língua estrangeira (compreensão global, prefixos, estruturas frasais...), bem como a construção de expectativas e hipóteses antes do contato com o texto. Mesmo no caso de *A metamorfose*, que é mais conhecido, isso é possível, pois muitas vezes o aluno ainda não conhece bem a história. Alguns sabem que existe um livro sobre um indivíduo que acordou transformado em uma “barata” (apesar de o livro não mencionar, em momento algum, em que inseto Gregor Samsa se transformara), mas não muito mais que isso. Existe, portanto, a possibilidade de criar hipóteses em relação à história, inclusive escrevendo parágrafos complementares ao texto.

Outras atividades interessantes são contar a história em outro estilo, por exemplo, como notícia de jornal (“Homem acorda transformado em um inseto”), ou ainda, depois de conhecer a história, contá-la sob a perspectiva de outra personagem – uma aluna minha já escreveu a história, de forma resumida (em pouco mais de uma folha), sob a ótica da irmã de Gregor Samsa, que queria se livrar dele.

Por fim, um último exemplo de abordagem para o trabalho com esses textos é a contextualização informativa histórica e geográfica. No caso da novela de Hertha Müller, esse aspecto é bastante latente, já que a história é ambientada em um contexto muito específico (a Alemanha pós-guerra). Acredito ser indiferente o momento no qual os elementos culturais relacionados ao tema vão ser trabalhados – se antes, depois ou junto à apresentação do texto. Isso vai depender do tipo de informação e do tipo de tarefa. Contudo, essas questões devem ser levadas em consideração quando do trabalho com esse texto.

Muitos são os temas que podem ser desenvolvidos a partir da contextualização histórica: nazismo, guerra, pós-guerra, muro, pós-muro, a reunificação e os conflitos identitários e culturais – tanto da época quanto os

atuais. Pode-se ainda trazer informações sobre a Alemanha e fazer com que os alunos pesquisem sobre o país e tudo o que o marcou ao longo das últimas décadas de história, como, por exemplo, os trabalhadores estrangeiros, turcos, gregos e portugueses, entre outros, que foram convidados a trabalhar na Alemanha para ajudar a reconstruir o país. Além disso, pode-se trabalhar a comparação entre o estilo literário e o informativo, trazendo para a aula, por exemplo, um texto turístico sobre a Alemanha.

Para complementar a contextualização histórica gosto de utilizar, no caso desse tema do período pós-guerra alemão, também o poema de Rudolf Otto Wiemer “Zeitsätze” (“Frases do Tempo”), de 1971 (apud BISCHOF et al., 2003, p.44). Sua estrutura é uma espécie de currículo, que descreve momentos da vida do eu-lírico: “quando tínhamos seis anos, tivemos doenças infantis”, “quando tínhamos quatorze anos, tivemos dor de cotovelo”, “quando tínhamos trinta anos, tivemos filhos”, “quando tínhamos trinta e três anos, tivemos o Adolf” [...]. Essa frase em especial remete a 1933, quando Adolf Hitler assumiu o cargo de chanceler da Alemanha. Notamos, então, que o “currículo” do eu-lírico passa a se confundir com a história a Alemanha. E o poema continua: “quando tínhamos quarenta anos, tivemos invasões inimigas” – a guerra começou em 1939 e a partir de 1940 começaram invasões e bombardeios –, “quando tínhamos quarenta e cinco anos, tivemos um alívio” [...] – 1945 foi o ano em que a Guerra acabou. Então ele vai falando sobre a guerra e o pós-guerra como se fosse um currículo de sua vida. Por isso, considero que é possível trabalhar esse texto em conjunto com o livro de Hertha Müller, que traz a história alemã como tema literário.

Como pudemos ver, várias são as possibilidades de textos autênticos e de tarefas para trabalhar esses textos que vão além de simplesmente preencher lacunas ou mesmo de se tratar apenas aspectos linguísticos. Essas são obras originais que meu aluno realmente pode ler.

Bibliografia

BISCHOF, Monika; KESSLING, Viola; KRECHEL, Rüdiger. *Landeskunde und Literaturdidaktik*. Berlin/München: Langenscheidt/Goethe-Institut, 2003.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Werke*. Vol. 8 (Romane und Novellen II). München: Dtv, 1998.

HEINE, Heinrich. *Das Loreleylied*, <http://www.loreley.de/loreley/lorelied.htm> (último acesso em 04/07/2012).

HERMES, Ursula. Der Mann, der nie zu spät kam: Eine Kurzgeschichte im Anfängerunterricht. In: *Fremdsprache Deutsch* 11, 1994, 34-39.

KAFKA, Franz. *Die Erzählungen*. Frankfurt: Fischer, 2007.

KAST, Bernd. Literatur im Anfängerunterricht. In: *Fremdsprache Deutsch*, vol. 11, 1994, p. 4-13.

MÜLLER, Hertha. *Reisende auf einem Bein*. München: Carl Hanser Verlag, 2010.

NEUMANN, Gerson R. Brasilien ist nicht weit von hier: Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800-1871). Berlin: Peter Lang, 2005.

UMBREIT, Marion. Die Sterntaler: Vom Hören zum Lesen zum Schreiben zum Sprechen. In: *Fremdsprache Deutsch* 11, 1994, 52-56.

WIEMER, Rudolf Otto. *Bundesdeutsch – Lyrik zur Sache Grammatik*. Hammer: Wuppertal, 1974.